

Arida: 'Mínimo de regulamentação daria flexibilidade à economia'

NELSON TORREÃO

BRASÍLIA — O economista Pêrsio Arida defende um "enfoque minimalista" para o capítulo da ordem econômica da Constituição, com o Banco Central independente, fim de todos os monopólios estatais, da discriminação contra o capital externo e dos incentivos para as pequenas empresas. Arida entende que o mínimo de regulamentação deixaria a política econômica "com a máxima flexibilidade para enfrentar os problemas à medida que eles surjam".

O economista defendeu essas idéias em palestra promovida pelo PFL, no mês passado, no Senado. No mesmo dia, rompendo uma reserva que o mantém afastado do debate através da imprensa, Arida disse que repetiria o Plano Cruzado, com exceção do congelamento de preços. Três semanas depois dessas declarações, aceitou o convite para presidir o BNDES, cargo que assume amanhã.

O GLOBO publica a seguir um resumo das opiniões de Arida sobre o capítulo econômico da Constituição, que seguramente terão influência sobre a posição do Governo na revisão constitucional.

O SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL

"Esse artigo diz muita coisa. Por exemplo, busca assegurar



Pêrsio Arida: regras mais flexíveis

que se forme um seguro para os depósitos à vista, com o qual eu tenho toda a simpatia, mas não é uma questão constitucional, é típica de regulamentação do sistema financeiro. Mas passa ao largo daquilo que é absolutamente vital, que é assegurar que uma lei complementar faça a independência do Banco Central. Nosso BC não é independente e tem duplicidade de função: defesa da moeda e regulação do sistema financeiro. Há dúvidas sobre se, num contexto ideal, o Banco Central deva ter essa função ou não. Para dar um exemplo: programas de estabilização baseados no currency board, numa caixa de estabilização que emite moeda com lastro pleno de estabilidade, exigem a separação

Sergio Marques

entre o BC e sua função precípua de defesa do padrão monetário, do órgão fiscalizador."

REMESSA DE LUCROS

"É claro que, se o país tem um sistema de controle cambial, como no Brasil, a remessa de lucros é consequência de o país não ter livre conversibilidade de sua moeda. Mas se o Brasil, algum dia, espero, erradicar a inflação, teremos um argumento muito forte para ter plena conversibilidade. E nesse caso não há razão nenhuma para se disciplinar a remessa de lucros de empresas estrangeiras."

LICITAÇÃO PARA SERVIÇOS PÚBLICOS

"Esse artigo, em princípio, pode ser mantido dessa forma. Mas o parágrafo único é restritivo. Ele diz que uma lei imporá uma política tarifária. A experiência internacional de determinação de preços por lei é muito desastrosa. Ou os reguladores não têm o conhecimento exato da matriz de custos da empresa regulada, e a empresa passa a ter lucros absurdamente altos, ou os reguladores tornam-se insensíveis aos custos da empresa e asfixiam a prestação dos serviços, impondo preços abaixo do correto ou do mínimo razoável."

OS MONOPÓLIOS DA UNIAO

"Não há motivo para garantir monopólios na Constituição. Po-

de ser conveniente ter monopólio estatal de alguma coisa, mas eu prefiro que, se isso for melhor para o país em determinado momento — certamente não é no momento atual — que seja debatido naquele momento."

FUNÇÃO SOCIAL DA PROPRIEDADE

"Eu sou professor de economia, tenho PhD no Massachusetts Institute of Technology, uma das melhores escolas dos Estados Unidos, fui fellow (visitante) da Smithsonian Institution, tenho uma longa experiência no setor público e privado e na universidade, e não saberia definir o que é função social da propriedade. E garanto que não há nenhuma literatura econômica capaz de definir a função social da propriedade. Ao inserir no texto essa expressão, abre-se um leque de interpretações muito perigoso por sua amplitude."

REDUÇÃO DAS DESIGALDADES

"Faz sentido reduzir as desigualdades? É claro que em geral sempre faz. Faz sentido que seja esse objetivo de política econômica? Em alguns casos sim, em alguns casos não. Provavelmente faz sentido no Brasil de hoje. Não necessariamente faz sentido no Brasil de amanhã."

Na página 38, 'Empresas se preparam para mexida no câmbio'